

PAI NÃO DECLARADO

*Rafael de Melo Costa**
*Maria Alzira Marçola***

RESUMO:

No Setor de Atendimento Psicológico ao Estudante da Universidade Federal de Uberlândia – SEAPS-UFU, um dos autores atende uma estudante que, no final da sua primeira sessão, ao ser questionada sobre o nome do pai responde: “Pai não declarado”. Essa afirmativa levou à reflexões sobre as formas de se declarar o pai, e mais ainda, qual a maneira que o pai se declara ou é declarado pela psicanálise, abordagem utilizada no estágio. Partindo de Freud, busca-se neste trabalho uma elaboração, fundamentando-se também em Lacan, para tais inquietações, fazendo um trajeto das representações coletivas às individuais. Por meio de ficções/realidades o pai é elucidado em mitos, romances, caso clínico e acontecimentos do cotidiano. De Freud a Lacan a questão do pai é retratada dentro de uma lógica psicanalítica: busca de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Pai. Psicanálise. Nome-do-Pai. Pai Primevo. Função Paterna.

*Rafael de Melo Costa. Psicólogo, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente trabalha em consultório particular e no CAPS-AD III da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Av. Floriano Peixoto, 386 – sala 306. Ed. Avelina Moreira. Centro. Uberlândia – MG. CEP: 38400-100. Fone: (34) 9147-2887. E-mail: costa.rafaelmelo@gmail.com

**Maria Alzira Marçola. Psicóloga; Psicanalista; Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia; Supervisora de estágio do SEAP-DIASE UFU; Psicóloga do Hospital de Clínicas da UFU; Docente do Programa de Residência Multiprofissional do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia; Membro efetivo da Associação Clínica Freudiana - Grupo de estudo em Psicanálise; Membro fundador do Grupo Vórtice – Grupo de estudo em Psicanálise pela Teoria dos Campos. Endereço para correspondência: Alameda dos Pinhais, nº 106. Bairro Morada da Colina. Uberlândia – MG. CEP 38.411-136 E-mail: m_alzimarcola@yahoo.com.br

Tenho muitas coisas que me desqualificam como grande analista: uma delas é que sou muito o pai.
Sigmund Freud¹

Introdução

Nasce uma criança. Antes disso, nem namoro, muito menos casamento. Fruto de alguns encontros, ela fecunda e, após o nono mês, nasce no pequeno hospital de uma cidade mineira. Dias depois, no cartório, sua avó a registra e marcado na sua certidão está: *Pai não declarado*.²

Em outros tempos, Sófocles (430 a.C./1993) conta que também nasceu uma criança. Dessa vez um menino, que fora abandonado ainda pequeno, devido ao medo de seu pai que o triste destino proferido pelo oráculo se cumprisse: “o filho mataria o pai”. O que de fato vem a acontecer mais tarde, pois, pelas ironias do destino Édipo, mesmo sem o saber mata seu pai, e assume seu lugar. No final do século XIX Freud utiliza-se deste mito para ilustrar o que ficou conhecido na Psicanálise como *Complexo de Édipo*.

Na Dinamarca do século XVII, outro filho se vê envolvido com a morte de seu pai. Dessa vez, no entanto, trata-se de uma vingança pelo homicídio do pai. A tragédia de Shakespeare (1603/1996) narra a história de como o Príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai que fora envenenado pelo irmão Cláudio para tomar seu trono e esposa. Atormentado pelo fantasma/fantasia de seu pai morto, Hamlet em um duelo de espadas mata seu tio Cláudio, e sente-se vingado. Livrando-se de seus fantasmas.

Em outra época e lugar, quatro irmãos se envolvem em um caso de parricídio. Na mais famosa obra da literatura russa, Dostoiévski (1879/1971) escreve sobre o pai Karamazov um homem devasso e egoísta que foi assassinado. Entre os suspeitos seus quatro filhos: o puro; o cético erudito; o bastardo epilético, que realiza o crime; e o pulsional, que deixa pistas para sua condenação e que de fato foi considerado culpado.

Mitos, tragédias, romances e um caso clínico. Ficção ou realidade? Manuel de anos atendidos por uma escola pública de São Paulo. O objetivo das atividades, que Barros (2003) Barros (2003) diz: “tudo que não invento é falso”. Partindo desta premissa, na lógica cartesiana estaria o inventado como verdadeiro? O criminoso idealizado por Dostoiévski tem

¹ Resposta de Freud a Kardiner, seu analisando da década de 20, quando este lhe perguntou o que pensava dele mesmo como analista.

² Caso atendido por um dos autores no Setor de Atendimento Psicológico ao Estudante da Universidade Federal de Uberlândia, SEAPS/UFU.

a mesma doença de seu criador, como que por sua neurose o autor pudesse confessar-se parricida (Saliba, 1996). Isto nos remete a pensar que a literatura não é apenas uma ficção e que pode sim, servir tanto como modelo de representação como de elaboração por parte de quem a produziu, e de quem a desfruta.

Ficções/realidades que carregam em comum o fato de serem declarações, o que conforme o dicionário seria: formas de manifestar de modo claro e terminante o que se sabe; patentear, tornar conhecido, dar a saber (Ferreira, 1988).

Caberia citar ainda, setenta vezes sete maneiras em que o pai está, ou se fez declarado. Entretanto o que moveu a construção deste artigo é a maneira como o pai aparece na Psicanálise. A forma que ele se declara ou é declarado.

O Pai em Freud

A temática pai, em Psicanálise, é uma questão ampla e com inúmeras possibilidades de reflexões. Borges (1996) argumenta que o próprio Freud recusou a fechar com rapidez esta questão, rejeitando de início a figura do Pai Sedutor, e ainda o embaraço em determinar o manejo da instância paterna na interpretação e na transferência.

Em outras publicações Freud trabalha e elucida o lugar do pai, tanto para o indivíduo como para a humanidade. Nesse sentido de representação comum, Freud apresenta em *Totem e Tabu* (1913/1974) seu estudo sobre o Pai Primevo, cria assim um mito originário e coloca este na fundamentação da cultura, da culpa, da moral e de Deus (Bogochvol, 2006).

A temática social e antropológica, bem como o interesse pelas sociedades primitivas já estavam sendo estudadas por Freud desde meados de 1897. Em *Totem e Tabu* (1913/1974) ele realiza quatro ensaios baseando-se na realidade das tribos aborígenes da Austrália, considerando os enfoques antropológicos, históricos e acrescentando uma análise à luz da teoria psicanalítica.

As tribos são tidas como primitivas e representantes de estágios já vivenciados pela sociedade da época. Essa visão de um processo evolutivo comum tem grande influência da teoria darwiniana, também presente na obra. E é esse pensamento de continuidade que permitirá fazer associações entre os selvagens e os neuróticos. Inicialmente o título da obra era *Alguns Pontos de Concordância Entre a Vida Mental dos Selvagens e dos Neuróticos*, modificado para *Totem e Tabu* em 1911.

Freud, estudando os costumes dos selvagens defrontou-se com tribos organizadas dentro do sistema do totemismo, no qual a tribo era subdividida em clãs e cada um desses possuía seu totem, que era representado, na maioria das vezes, por um animal. Dessa forma, “o totem é o antepassado comum do clã”. (Freud, 1913/1974 p. 21).

Dentro do sistema totêmico foi possível perceber costumes e tabus, como o horror ao incesto e a exogamia. A correlação exogamia e totemismo é confirmada e a cada reflexão comprovada, porém, independente disto, tanto a exogamia como o totemismo contextualizam as tribos analisadas.

Freud apresenta e analisa a questão do pai nas tribos, mesmo antes deste estar presente enquanto representante do significante que hoje se atribui a ele. Baseado na hipótese de Charles Darwin sobre a organização social dos povos primitivos, Freud contextualiza as tribos dentro da organização em hordas pequenas, as quais eram comandadas pelo macho mais velho e mais forte, que impedia a promiscuidade sexual, visando manter suas fêmeas para si. Sendo assim, este ‘pai ciumento’, diante do crescimento de sua prole, machos jovens, os expulsavam e eles se viam obrigados a vagarear até encontrarem uma fêmea e assim, construir uma horda dentro da mesma regra. (Freud, 1913/1974). Essa hipótese da horda primeva juntamente com a ideia de morte do pai primevo são juntas as principais contribuições de Freud para a antropologia social.

Isto fica evidente quando Freud relata:

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai... O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. (...) Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo... (Freud, 1913/1974. pp. 170-171).

A Psicanálise tomou então em consideração a atribuição que os primitivos davam ao seu totem: ancestral comum, e o revelou como substituto do pai, para explicar a existência dos tabus já citados. Há toda a coerência na existência e manutenção dos tabus do incesto e morte do totem, quando consideramos este como representante do pai. A mesma ideia de crimes contra o pai é expressa no Complexo de Édipo, onde após ter matado o pai e casado com a mãe Édipo retira sua visão, como forma de punir-se.

Freud (1913/1974 p.169) ressalta que essa substituição, totem–pai “entra em acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto é uma ocasião festiva”. E é esse sentimento ambivalente que caracteriza o complexo-pai, como na morte do pai primevo em que ocorre no devorar uma identificação com a força deste pai, e após sua morte a emersão do afeto para com ele e com esse o sentimento de remorso.

Ainda segundo Freud:

O sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai — proteção, cuidado e indulgência — enquanto que, por seu lado, comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real. (1913/1974 p. 173).

A religião totêmica surge assim do sentimento filial de culpa. Pela desobediência ao pai primevo. De acordo com Bogochvol (2006), encontra-se em Freud uma sexualização e uma totemização do pai. Um pai que a principio transa com todas as mulheres e assassina ou expulsa seus rivais. E, ao ser morto, é lhe dado o lugar de totem, que passa a nomear, proteger e ser reverenciado por um clã.

Ainda em *Totem e Tabu* Freud (1913/1974) se debruça sobre a questão do surgimento das religiões, tomando em consideração dois aspectos, o tema do sacrifício totêmico e a relação de pai para filho. Embora tenha sido o totem o primeiro representante paterno, o deus seria uma forma posterior, na qual o pai reconquista sua aparência humana. Esta reconquista se dá pelo sacrifício totêmico, pois, sendo o totem na maior parte das vezes um animal, seu sacrifício ilustra os desejos e anseios de matar o pai primevo, devorá-lo e, tornar-se ele, por uma forma de identificação.

Porém, com o passar do tempo, chega-se a um ponto em que o ódio devorador, torna-se menor e a saudade do pai, o qual também era um protetor, aumenta. Neste contexto surge o conceito de Deus, que “no fundo nada mais é que um pai glorificado” (Freud, 1913/1974 p.176). O sacrifício totêmico, além de representar a morte do pai primevo, que leva à identificação com este, passa a significar também a compartilhamento entre pai e filho, por mais que nesta situação o pai estivesse representado tanto pelo animal totêmico como por Deus.

Freud em nós

Esse pedestal onde se coloca o pai e o sentimento de ambivalência, antes mencionado, serve de aparato para se pensar no lugar que o próprio Freud assume para os seguidores de sua ciência. Considerado como o pai da Psicanálise e, estando ele ciente disso, como evidenciado na fala atribuída a Freud: “Tenho muitas coisas que me desqualificam como grande analista: uma delas é que sou muito o pai...” (Kardiner, 1979 p.70). O retorno às obras de Freud é comum, como que seus seguidores corroborassem com a manutenção deste lugar de primevo, para resultar em obras que ultrapassem, ou ampliem, o campo de aplicação que Freud conseguiu trabalhar.

Isto nos possibilita levar a ficção do Complexo de Édipo e do pai primevo não somente para as relações pais-filhos, mas para análises de acontecimentos e estruturas que se apresentam na sociedade, evidenciado por Freud ao associar a utilização e criação do sistema totêmico como algo que vai ao encontro com o que a imaginação do humano necessita. Herrmann (1997), no seu livro *Psicanálise do Quotidiano*, propõe pensar os acontecimentos corriqueiros da vida por meio do método psicanalítico, ampliando sua utilização para além da clínica padrão, como já demonstrado por Freud ao relacionar o Complexo de Édipo ao Totemismo.

Não é nosso intuito aqui aplicar o método sobre o sistema político brasileiro e sua democracia, mas podemos aqui traçar analogias entre seu funcionamento e a ficção freudiana sobre o mito original.

Como no totemismo, o sistema democrático brasileiro fornece subsídios para que estejamos “teoricamente” protegidos e bem servidos pelo sistema público, e ao mesmo tempo possibilita exercermos a fúria em relação a esses que estão no papel de nossos protetores. De fato, não se trata mais de uma aniquilação como no mito original, ou seja, uma aniquilação real, mas de uma aniquilação simbólica, no sentido de que o “simbólico mata a coisa”. É violência, sim, mas em uma faceta simbólica. E que dentro deste modelo que estamos pensando ocorre por meio de programas humorísticos, de manifestações públicas, de notícias desonrosas divulgadas, dentre outras formas de ‘devorar’ aquele que está no poder. Sendo assim, a liberdade de expressão dentro de uma política como a brasileira, exerce como o totemismo, uma via de execução dos impulsos contra aqueles que estão em uma posição de representantes únicos, aqueles que estão na posição de pai.

O Nome do Pai

A forma de ver o pai, apresentada por Freud em *Totem e Tabu*, como sendo sexualizado e totêmico não são as únicas expressões de pai na Psicanálise. Como dito, o retorno ao pai psicanalítico foi e é um movimento comum entre os pós-freudianos. Dentre esses, Borges (1996) nos aponta que Jacques Lacan, “no seu Retorno a Freud caracteriza à *questão do pai* e a evocação de sua magnitude e da função que ela ocupa no texto freudiano” (Borges, 1996, p.6).

Lacan parte do pensamento freudiano sobre o Pai, mas não se fixa a ele. Para Bogochvol (2006) o Pai freudiano e o Pai lacaniano não são idênticos apesar das semelhanças e do parentesco.

Lacan formula uma teoria na qual a questão do pai não está inteiramente relacionada com a figura humana do homem. A partir da lente da linguística e do processo de nomeação e atribuição de significados, ele analisa e considera o Pai como um significante, e, como afirma Borges (1996), enquanto tal, seu significado estará ligado ao significante que o precede. Dessa forma Lacan (1998) afirma, que o pai não é um objeto real, ele é sim, uma metáfora, um significante que substitui outro.

E sendo uma metáfora a instância paterna é exclusivamente simbólica (Dor, 1991). Falar em pai, portanto, não mais é uma referência direta ao pai físico que o representa, e sim a função desempenhada dentro do complexo edípico.

Na teoria lacaniana a *metáfora paterna* surge para substituir o *recalque originário*, o desejo da mãe. O bebê só consegue renunciar a este a partir do momento em que ele se torna inconsciente. Com isso, a função paterna vem a ser o primeiro significante introduzido na simbolização, isto é, o significante materno (Lacan, 1998).

É nesse processo de simbolização que se têm estruturado os conceitos de *Pai real*, *Pai imaginário* e *Pai simbólico*. Marçola (2003) os define do seguinte modo: Pai Real como o pai no aqui e agora, não é necessariamente o genitor; Pai Imaginário sendo a imagem que é feita do pai, por meio do que é passado para o filho; e, Pai Simbólico como uma figura universal, que não está submetido a um ordenamento cronológico, e que instaura a lei via castração. A função paterna se concretiza conforme o Pai Real é investido como o Pai Simbólico, pela mediação do Pai Imaginário (Dor, 1991).

No complexo de Édipo é o advento do Pai Simbólico que instaura a lei, o Nome-do-Pai, sendo assim, ele surge para a criança como o Pai castrador, aquele que não é o falo, como fantasiado inicialmente pelo bebê e sim, aquele que tem o falo, o pai passa do *ser* para o *ter*.

Entendido nesta lógica o pai, pode assumir diversos significantes à ele designados, mas para que isto aconteça é necessário que exista antes de tudo um pai único, e que este esteja morto. Lacan (1995) declara ser necessário que o pai verdadeiro, único e singular, esteja morto antes do surgimento da história, para que os demais pais possam subsistir. E acrescenta ainda, que em *Totem e Tabu* Freud repousa em uma noção mística para a categorização de uma forma do impossível: a eternização de um só pai na origem.

Da mesma forma que o pai primevo freudiano encontra sua representação nos mitos e obras literárias, diversos outros significantes, atribuídos a figura paterna, também são representados e se fazem presente nas análises artísticas. Enes (1996) utiliza da trilogia: *O refém, O pão duro, O pai humilhado*, escrita pelo autor francês Paul Claudel entre os anos 1910 e 1916 para trabalhar o pai dentro de uma outra perspectiva.

A autora relata que o drama acontece na época de Napoleão I, na qual Sygne Coûfontaine havia feito um pacto de amor com seu primo, no entanto foi obrigada, a pedido do padre, a casar com Toussaint Turelure, um homem feio, odioso e perseguidor da família da Sygne. Já casada tiveram um filho, Louis de Coûfontaine. Na segunda parte da trilogia, durante um acerto de contas entre Toussaint e seu primo uma bala atinge Sygne que morre. A última parte, conta que Toussaint avarento e amante de Sichel teme a volta de seu filho Louis e que este reclame seus direitos. Porém, antes da chegada de Louis, sua amante Luîr o anuncia e ainda o arma contra seu pai, o qual é morto. Dessa maneira, Louis assume o lugar de pai e casa-se com a amante deste, Sichel. (Enes, 1996).

O que possibilita a análise do conceito de pai humilhado é a forma como se deu o parricídio, Luîr entrega a Louise duas armas, uma de festim e outra com a bala. A segunda nem chega a ser disparada, pois com o barulho do tiro de festim o pai já morre.

Enes (1996) aborda nessa trilogia os tipos de pai que Turelure apresentou em cada momento, inicialmente o pai primevo: duro violento e cruel. Depois um pai humilhado, “carente, que não assume a função de pai. É um pai obcecado por seus desejos, que não renuncia a nada e vê no filho a repetição de si mesmo, em quem só pode ver um rival” (Enes, 1996 p. 31).

Temos Turelure, como a encenação, extremada e trágica, do pai simbólico, que é ao qual a lei se remete, o pai morto. Nas palavras de Silvestre (1991, apud Enes 1996):

Do pai morto não cabe esperar resposta alguma. O pai morto é a marca de uma falta, de uma falta do outro, especialmente de uma falta de saber. A única forma que retorna ao sujeito quando interroga o pai morto é a castração. (Enes, 1996, p. 31).

Em Lacan constata-se que o pai não é outra coisa senão “um efeito da linguagem”. E que a função real, imaginária e simbólica é algo a ser verificado em cada caso (Rosa, 1996).

Portanto, fala-se, então, não de um pai, pessoa-masculino, e sim, em uma função. O pai como linguagem, como paternidade. E desta forma volta-se ao texto freudiano. Desta vez *Moisés e o Monoteísmo* (1939/1974), no qual ao elucidar sobre a hominização aborda a passagem do regime matriarcal para o patriarcal.

Sob a influência de fatores externos nos quais não precisamos ingressar aqui e que também, em parte, são insuficientemente conhecidos, aconteceu que a ordem matriarcal foi sucedida pela patriarcal, o que, naturalmente, acarretou uma revolução nas condições jurídicas até então predominantes. *E ainda* (...) esse afastamento da mãe para o pai aponta, além disso, para uma vitória da intelectualidade sobre a sensualidade – isto é, para o avanço em civilização, já que a maternidade é provada pela evidência dos sentidos, ao passo que a paternidade é uma hipótese, baseada numa inferência e numa premissa. (Freud, 1939/1974, p. 136).

O Pai sem nome

Haja vista estas teorias, pode-se desdobrar a inquietação original deste trabalho, a questão do pai não declarado. A paciente atendida é uma dentre várias outras pessoas que estão dentro de novas formas de familiaridade. Por mais que, o fato de uma mãe criar sua prole, sem a ajuda paterna, não se caracterize como uma especificidade da sociedade pós-moderna, os números atuais evidenciam o surgimento de novas formas familiares.

Cada vez mais o estereótipo da família brasileira e mundial (Pai – Mãe – Filhos) é quebrado, seja por razões econômicas, sociais, sexuais ou peripécias do destino. E mesmo se tratando de casais homossexuais, mães que estão com seus filhos na casa dos avós, mães já viúvas e qualquer que seja a composição, a função paterna é possível de se realizar,

pois esta, como já fora mencionado, é uma metáfora e não uma pessoa. A função paterna se caracteriza pela instauração de uma lei.

Da mesma forma, como já foi abordado, quando comentamos sobre a democracia brasileira e sua política em relação ao sentimento de ambivalência presente em todos seres humanos, pode-se pensar no trabalho/emprego como o instaurador da lei, o Nome-do-pai, dentro de uma sociedade tão capitalista e com relações estremecidas como a nossa.

Em alguns casos vê-se o trabalho/emprego exercendo a função paterna durante todo início da vida do bebê, subsidiando a mãe, inicialmente, para que ela e o bebê vivam seu período fusional, de completude. Por meio da licença maternidade, direito de toda cidadã, a mãe é ausentada de suas funções profissionais para estar com seu filho.

No entanto, com o passar dos meses o trabalho/emprego solicita novamente essa mãe, que a partir de então não mais estará a todo tempo disponível para seu bebê, dividindo seu tempo entre ele e a profissão. É como se estivessemos falando em um novo modelo do jogo do *fort-da*, no qual a situação de ausência-presença acontece conforme o funcionamento econômico e social da família.

Assim, por mais declarado que o pai esteja na mitologia e na literatura, essas se prestam a apoiar a ficção que o explica. Na clínica, encontramos cada caso com a sua declaração própria, como na história que abre esse artigo, a menina já com seus vinte anos, busca na análise uma forma de nomear a não declaração de anos atrás. Na sua própria trilogia, está a avó que instaura a lei e castra a relação dual mãe-bebê, instaurando assim a lei - o Nome-do-Pai, e o Pai Real que apareceu, não sustenta o imaginário nele depositado.

Declara-se aqui o pai que dá nome, que instaura a lei: o Nome-do-Pai.

Referências

AMARAL, M. G. T. do. A atualidade da noção de regime de atentado para uma compreensão do funcionamento-limite na adolescência. In: BARONE, L. M. C.; ARRUDA, A.P.de B.; FRAYZE-PEREIRA, J.A.; SADDI, L.; FREITAS, S.R.M. de S. (orgs.). *A Psicanálise e a Clínica Extensa – III Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por Escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 81-108.

BAIRRÃO, J. F. M. H. Adolescência em transe: afirmação étnica e formas sociais de cognição. In: *Anais do 1º Simpósio Internacional do Adolescente*. São Paulo, 2005.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M.A.S. (orgs.). *Psicologia social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-57.

BÉTHUNE, C. *Le rap- une esthétique hors de loi*. Paris: Éd. Autrement, 1999.

BRACCO, S. M. Exclusão e humilhação social: algumas considerações acerca do trabalho com crianças e adolescentes. In: AMARAL, M.G.T. do. (org.). *Educação, Psicanálise e Direito – Combinações possíveis para se pensar a adolescência na atualidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 60-84.

CASSEANO, P.; DOMENICH, M.; ROCHA, J. *HIP HOP, A Periferia Grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

JEAMMET, P.; CORCOS, M. *Novas Problemáticas da Adolescência – evolução e manejo da dependência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SOUZA, M. C. C. C. A dignidade da palavra e a escola. In: LAUAND, J. (org.). *Filosofia e Educação - Estudos 6. Factash – CEMOrOc*, São Paulo, v. 7, p. 87-98, 2008.

TELLA, M. A. P. *Atitude, Arte, Cultura e autoconhecimento: o rap como a voz da periferia*. 2000. 229 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.

FATHER UNDECLARED

ABSTRACT:

The Division of Student Psychological Services at the Federal University of Uberlândia - UFU-SEAPS - UFU, an author attends a student who, in the end of its first session, when asked about the name of the father replies: "Father undeclared." That sentence led to reflections of the ways to declare the father, and even more, which way the father is declared or is declared by Psychoanalysis, an approach used in studies. From Freud, we seek an elaboration of this researcher; it also relies on Lacan, for such concerns, making a path of collective representations to the individual. Through fiction / reality the father is elucidated in

myths, novels, case reports and events of everyday life. From Freud to Lacan the question of the father is portrayed within a psychoanalytic logic: search for meaning.

KEYWORDS: Father, Psychoanalysis, Name-the-Father, Father Primeval, Father's function.

PÈRE NON DÉCLARÉ

RÉSUMÉ:

Dans le département de soutien psychologique pour les étudiants de l'Université Fédérale d'Uberlândia - SEAPS-UFU, un des auteurs assiste une étudiante que, lors d'être interrogé sur le nom de son père à la fin de sa première session, a répondu: "Père non déclaré". Cette déclaration a conduit à des réflexions sur les façons de déclarer le père, et en plus, de quel manière le père se déclare ou est déclaré par la psychanalyse, une approche utilisée pendant le stage. À partir de Freud, nous cherchons, dans ce travail, une élaboration que s'appuie également sur Lacan de ces préoccupations, en faisant un chemin de représentations collectives jusqu'à les individuelles. A travers des fictions / réalités, le père est élucidée dans les mythes, romans, rapports de cas cliniques et des événements de la vie quotidienne. De Freud à Lacan, la question du père est dépeint dans une logique psychanalytique: la quête de sens

MOTS-CLÉS: Père. Psychanalyse. Nom-du-Père. Père Primeval. Fonction Paternelle.

Recebido em 25/05/2011

Aprovado em 24/07/2011

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista